

Fases do desenvolvimento de destinações turísticas: O caso da praia da Pipa- Brasil

Phases of development of tourist destinations: The case of beach Pipa- Brazil

JOSEMERY ALVES * [josemeryalves@hotmail.com]

MÁRCIA RIBEIRO ** [mm-ribeiro@uol.com.br]

LÍVIA MIRANDA *** [liviaibmiranda@gmail.com]

SOFIA BENTO **** [sofiacoelhobento@gmail.com]

Resumo | O artigo traz o caso de um destino consolidado de turismo costeiro no Brasil, a praia da Pipa - localizada em Tibau do Sul, estado do Rio Grande do Norte. Tem-se como objetivo principal “resgatar historicamente o processo de desenvolvimento turístico em Pipa”. O estudo de caráter qualitativo faz uma revisão literária, com respaldo de pesquisas em fontes secundárias e primárias, com visitas *in loco* que possibilitaram observação não participante e oportunidade de maior contato com a realidade local. Assim, foi possível construir um gráfico com a transição de quatro importantes fases do desenvolvimento de Pipa para entendimento da trajetória turística, sendo constatado que o povoado passou de vila de pescadores a destino consolidado em virtude da exploração do turismo costeiro. Com a compreensão das fases, fica evidente uma série de reflexos provenientes da inexistência de planejamento, envolvendo desde exclusão dos nativos de suas moradias, apropriações em áreas irregulares e reordenamento do uso do solo, com danos para o meio ambiente, colocando em risco a própria manutenção da atividade turística.

Palavras-chave | Desenvolvimento, planejamento, turismo, Brasil, Pipa

Abstract | The article approaches the case of a touristic consolidated coastal destination in Brazil, Pipa Beach - located in Tibau do Sul, Rio Grande do Norte. The main objective is "to rescue historically

* **Doutoranda** em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande. **Mestre** em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Professora** Assistente do Curso de Turismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, membro do grupo de pesquisa do CNPQ: Gestão, turismo e políticas públicas (GEPOLISTUR).

** **Doutorado** em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com um período (sanduíche) na Universidade de East Anglia (Inglaterra), mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba e graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba. Possui pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. É **professora** da Universidade Federal de Campina Grande.

*** **Doutora** em Desenvolvimento Urbano e Regional, **mestrado** em Geografia e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco. **Professora** Adjunta no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande. É pesquisadora no Observatório de Políticas Públicas e Práticas Sócioambientais (UFPE) e na Rede Observatório das Metrôpoles (INTC - IPPUR/UFRJ).

**** **Docteur** de l'Ecole des Mines de Paris e **Doutora** pelo Instituto Superior de Economia e Gestão na Universidade Técnica de Lisboa, **Mestrado** em Sociologia Económica e das Organizações pelo ISEG e Licenciatura em Psicologia Social e das Organizações pelo ISPA. Membro do SOCIUS (Centro de Investigação de Sociologia Económica e das Organizações).

the tourism development process in Pipa."The qualitative study makes a literature review, supported by research on secondary and primary sources, on-site visits which allowed non-participant observation and opportunity for greater contact with the local reality. Thus, it was possible to illustrate a graph with the transition from four major stages of development of Pipa for understanding the touristical path, and it was found that the town went from a fishing village to become a consolidated destination because of the exploitation of coastal tourism. With the understanding of the phases, it is evident a series of considerations regarding the lack of planning, ranging from exclusion of natives from their homes, appropriations on uneven areas and reordering of land use, with damage to the environment, endangering the very maintenance of the touristic activity.

Keywords | Development, planning, tourism, Brazil, Pipa

1. Introdução

O artigo se propõe estudar um destino consolidado de turismo costeiro no Brasil, a praia da Pipa - localizada em Tibau do Sul, estado do Rio Grande do Norte. A escolha do local de estudo deve-se a importância e representatividade turística de Tibau do Sul, notadamente a praia da Pipa, perante o cenário estadual, nacional e internacional, sendo reconhecida como uma praia paradisíaca e de belezas exóticas.

Em decorrência de seus encantos naturais, o destino apresenta uma característica peculiar, a fixação de turistas que se tornaram novos moradores e empresários locais, contribuindo para mudanças no novo cenário turístico. Como consequência, desde os anos 1990 quando ocorreu o *boom* turístico de Pipa até os dias atuais, tem-se uma reconfiguração territorial na localidade, sendo a antiga vila de pescadores transformada em um destino consolidado, com diversos empreendimentos hoteleiros, de lazer e gastronômicos, mudando consideravelmente a estrutura do lugar. No entanto, percebe-se que o fenômeno turístico foi acontecendo pela ação de grupos, sem um planejamento específico para traçar as metas e objetivos para o destino.

Com a introdução dos novos moradores e estruturação turística para receber os visitantes, sur-

giram também novas questões problemáticas, tais como: aumento do número de turistas sem estudo da capacidade de carga, degradação ambiental, expulsão dos autóctones em detrimento dos novos moradores com maior poder aquisitivo, reordenamento territorial com os modernos empreendimentos tomando o lugar das antigas moradias dos nativos, suscitando novas relações de poder.

Tendo em vista a reconhecida potencialidade turística e a representatividade perante o cenário internacional, é um destino que precisa de instrumentos que potencialize a gestão desse importante patrimônio natural, visando prioritariamente minimizar os conflitos existentes e fornecer estratégias que melhorem as condições para o desenvolvimento do turismo sustentável em Pipa/RN.

Assim, o principal objetivo do artigo é "resgatar historicamente o processo de desenvolvimento turístico em Pipa", visando identificar os elementos comprometedores da sustentabilidade local, suas continuidades e descontinuidades, desde a fase de implementação até a realidade contemporânea.

Tendo em vista os sérios impactos socioambientais provenientes da atividade turística, o presente estudo mostra-se relevante no sentido de entender como a prática desordenada pode causar danos irreparáveis e como se faz importante e necessário uma atenção voltada ao efetivo planejamento turístico, respeitando os limites da natu-

reza e envolvimento da sociedade no contexto do turismo.

2. Desenvolvimento *versus* crescimento

Ainda há um distanciamento entre o debate e as ações práticas relacionadas aos princípios da teoria da sustentabilidade no que diz respeito aos impactos ambientais, equidade social, distribuição de renda, crescimento econômico e participação da sociedade no processo decisório.

Quando se trata de desenvolvimento turístico, é imprescindível ter o engajamento dos vários atores envolvidos, contando ativamente com a participação dos agentes locais. Para Queiroz y Rastrollo-Horrillo (2015), esse processo de participação pode envolver a “definição de objetivos do destino, incluindo a concepção de política de turismo, implementação e avaliação, considerando a transparência e responsabilidade para assegurar a confiança” (p. 53).

É consensual que o turismo proporciona significativas transformações nas localidades com reflexos diretos na economia, contudo para ser possível um desenvolvimento satisfatório, torna-se evidente a necessidade de elementos básicos, desde os recursos naturais e culturais, além de infraestrutura e estratégias públicas voltadas a estruturação da atividade (Nóbrega, 2012).

Nesse sentido, Bacal, Melo, Widmer e Pereira (2007) complementa esclarecendo que “a atividade turística é apresentada como um dos setores que podem gerar crescimento econômico conjugado ao desenvolvimento social, em particular nos países emergentes” (p.176), evidenciando uma oportunidade para lugares como o Brasil que apresenta singulares características com potencial para vários segmentos do turismo.

O desenvolvimento sustentável do turismo precisa ser tido de maneira mais responsável e em consonância com os limites dos recursos naturais. É

válido reforçar que as ações dos homens tem suscitado severos reflexos negativos, e quando fala-se de turismo, esses impactos tem atingido praticamente toda a humanidade (Beni, 2003).

Infelizmente, percebe-se que grande parte dos discursos políticos são voltados aos benefícios do turismo, sendo tratados os números quantitativos como maiores motivadores para o incremento da atividade, com atenção prioritária para o crescimento econômico, exaltando números e estímulo desenfreado ao turismo de massa, desconsiderando muitas vezes a capacidade de carga das destinações.

Destarte, vêm à tona as conceituações em torno de crescimento e desenvolvimento, havendo uma significativa diferenciação entre os significados, quando existe “crescimento econômico não significa que esteja havendo desenvolvimento. O processo de desenvolvimento é um sistema que se desdobra em estruturas físicas, econômicas, sociais e demográficas que se inter-relacionam no contexto global” (Alves, 2010, p. 57). Portanto, crescimento está prioritariamente ligado a acumulação econômica, enquanto que desenvolvimento está vinculado a melhoria das condições de vida e bem-estar da população, com condições mais igualitárias e propícias a diminuição das desigualdades sociais.

Hanai (2012) alerta que “o desenvolvimento sustentável não nega o crescimento, mas se refere à necessidade de mudar a qualidade do crescimento” (p. 204). É comum perceber uma supervalorização quanto à dimensão econômica, de maneira imediatista, em detrimento das vertentes social, cultural, ambiental e institucional, culminando na fragilidade do sistema político, que volta o planejamento e atuação para o eixo das questões econômicas como prioridade das estratégias de governo.

O desenvolvimento sustentável questiona o modelo capitalista de crescimento econômico, não sendo um posicionamento contrário, mas resistente ao modo como a coisa acontece, com apro-

priações desiguais, destruição desenfreada, distribuição injustas, degradação em prol da acumulação de riquezas.

O turismo é visto como uma atividade com significativa relevância econômica, destacando-se no cenário global, devido principalmente a sua importância na prestação de serviços, melhoria dos equipamentos de infra-estrutura, geração de empregos e renda, surgimento de novos empreendimentos e desenvolvimento das localidades. Chou (2013) destaca que o acelerado “crescimento do turismo provoca um aumento na receita de renda das famílias e do governo através dos efeitos multiplicadores, melhorias na balança de pagamentos e o crescimento do número de políticas governamentais para o turismo promovido” (p. 226).

Desenvolver uma atividade turística sustentável significa conseguir conciliar muitos fatores, dentre eles, balancear um equilíbrio econômico, ambiental e social, considerando a participação de todos os atores envolvidos, ressaltando a importância da comunidade nesse processo. Assim, Beni (2003) defende que “o planejamento participativo recupera a participação social da sociedade, de modo que o cidadão contribua na elaboração das eco estratégias desde a informação até a execução da ação proposta” (p.10).

Portanto, sabe-se que a prática do turismo promove impactos que influenciam diretamente a dinâmica dos resultados, devendo os gestores investirem em estratégias que direcionem a atividade para um processo menos conflitante, tendo o planejamento como norteador de suas ações.

3. Planejamento da atividade turística

Os estudos em torno do turismo apontam ações indispensáveis vinculadas ao seu desenvolvimento, considerando que seus diversos segmentos requerem uma atenção especial para o planejamento e as fases que o constituem, a fim de am-

pliar os benefícios e reduzir os impactos maléficos provenientes de tais atividades.

De acordo com Silva e Sierra (2013) pensar na gestão ambiental de destinos turísticos implica a estruturação do território para “a preservação dos recursos naturais, a fim de harmonizar a proteção do meio ambiente e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento do turismo como atividade socioeconômica em localidades com potencialidade turística” (p. 808). Infelizmente, é possível visualizar que muitas localidades desenvolvem a atividade sem planejamento turístico, despreocupados com a proteção ambiental, sem capacitação profissional e exclusão produtiva das comunidades autóctones do circuito do turismo (Bacal et al., 2007).

O planejamento visa direcionar ações indispensáveis para o desenvolvimento da atividade, por isso, mostra-se como caminho fundamental no processo de estruturação do turismo, devendo ser considerado como mecanismo capaz de minimizar os efeitos negativos provenientes de uma prática desordenada. Ressaltando que independente do tipo de turismo executado, “se não for desenvolvido de maneira sustentável e planejado, o turismo pode trazer sérios problemas ao local onde é praticado” (Soares et al., 2013, p. 50).

Dessa forma, o planejamento turístico consiste em uma “ferramenta para salvaguardar os recursos naturais e históricoculturais, dos quais a atividade turística depende e, simultaneamente, para promover uma maior eficácia e eficiência nos investimentos públicos e privados a realizar numa determinada Região”. (Fazenda, Silva & Costa, 2008, p. 79).

Todavia, é possível constatar que de maneira geral poucos destinos têm sistematizado planos, estratégias e políticas para verdadeiramente implantar um desenvolvimento sustentável do turismo (Román & Font, 2014). É notável que o termo “desenvolvimento sustentável” tem sido utilizado muitas vezes como jargão por vários atores (do setor público e privado), mas na prática, há um

distanciamento entre o que realmente é percebido como ações concretas que conduzem aos preceitos da sustentabilidade e manutenção dos destinos turísticos.

Por isso, verifica-se gradativamente que as localidades têm despertado sobre a significância da sustentabilidade no planejamento dos destinos turísticos, alertando para necessidade de implantação de políticas, planos e programas que priorizem tecnologias mais sustentáveis, atreladas sempre a maior consciência da população. Assim, Beni (2006) reforça que “a participação organizada da população-alvo em todas as etapas do processo de planejamento é a forma ideal para que a intervenção tenha maior probabilidade de sustentabilidade e sucesso” (p. 7), podendo ser uma importante estratégia no processo de desenvolvimento das destinações.

4. Ciclo de desenvolvimento das destinações turísticas

Remetendo ao destino turístico, Santos (2014) delimita que trata-se de espaço físico no qual “o visitante permanece pelo menos uma noite, constitui-se como portfólio de serviços de apoio, de atrações turísticas, de produtos necessários ao provimento, tendencialmente completo, das vontades e desejos do turista nesse território” (p. 72).

Levando em consideração as características do turista moderna, os gestores precisam estar atentos as novas aspirações e exigências, tendo uma conduta de gestão centrada nos princípios de conservação, preservação e valorização, seja dos aspectos ambientais, sociais e culturais. No caminho para o desenvolvimento, o destino turístico “deve possuir uma entidade gestora, cuja função é de organizar e coordenar os atores individuais e demais entidades estabelecidas no DT, ou seja, as organizações do primeiro, do segundo e do terceiro setor” (Carvalho & Pimentel, 2015, p. 77) Ao tratar do

desenvolvimento dos destinos turísticos, é possível analisar suas fases tendo como base o ciclo de Butler (1980) que considera distintas etapas e sugerem implicações diferenciadas, sendo possível detectar estágios que incidem sobre a existência dos destinos, tais como “exploração, desenvolvimento, consolidação, estagnação”, nesse momento, a destinação pode cair no declínio ou se reinventar.

Vasconcelos e Coriolano (2008) relatam que para analisar o cenário dos destinos turísticos, é importante compreender “previamente a história da ocupação, dos modos de vida local, do conhecimento e da percepção dos atores locais, antes da chegada da atividade turística, para que possamos comparar como era antes com o que somos agora” (p.263).

É válido mencionar que o modelo de Butler tem uma notável influência nos estudos de desenvolvimento dos destinos, por tratar a evolução desde a fase de descoberta até a fase de pós-estagnação, momento onde o destino pode deixar de ser atrativo ou rejuvenescer por intermédio da introdução de novos elementos. (Chapman & Light, 2016).

5. Metodologia

O estudo de caráter qualitativo faz uma revisão literária, com respaldo de pesquisas em fontes secundárias e primárias, suscitando abordagens sobre o destino turístico investigado.

Houve a necessidade de estudos interdisciplinares e recursos metodológicos diversos para situar-se no passado, analisar o presente e começar a pensar o futuro. Assim, a construção da linha de evolução do destino turístico Pipa por meio da visão cronológica permitiu constituir uma ferramenta de informação fundamental para apreciar o que poderia ter sido feito e o que ainda pode ser almejado diante a necessidade de um planejamento urbano-turístico multidimensional que considere os aspectos de sustentabilidade turística.

Deste modo, as técnicas de investigação usadas na pesquisa envolvem observação direta e participante, documentos pessoais, diários de campo para captar a rotina, com observações e relatos adquiridos dos investigados na pesquisa, no período que compreende os anos de 2015 e 2016, tendo o método etnográfico como norteador. A etnografia possibilita interagir com o outro por meio de vivência *in loco* e diálogos com os moradores locais, por isso foi utilizada na pesquisa como recurso para coleta de dados qualitativos.

As metodologias qualitativas incluíram entrevistas de vida e observação de locais, por meio de visitas *in loco* e discursos orais com nativos que nasceram e vivem em Pipa até os dias atuais. Foram investigados aleatoriamente pessoas representativas da história viva da localidade, possibilitando então, construir uma linha sequencial das fases (1960 até momento atual), com organização dos fatos decorrentes de cada etapa do desdobra-

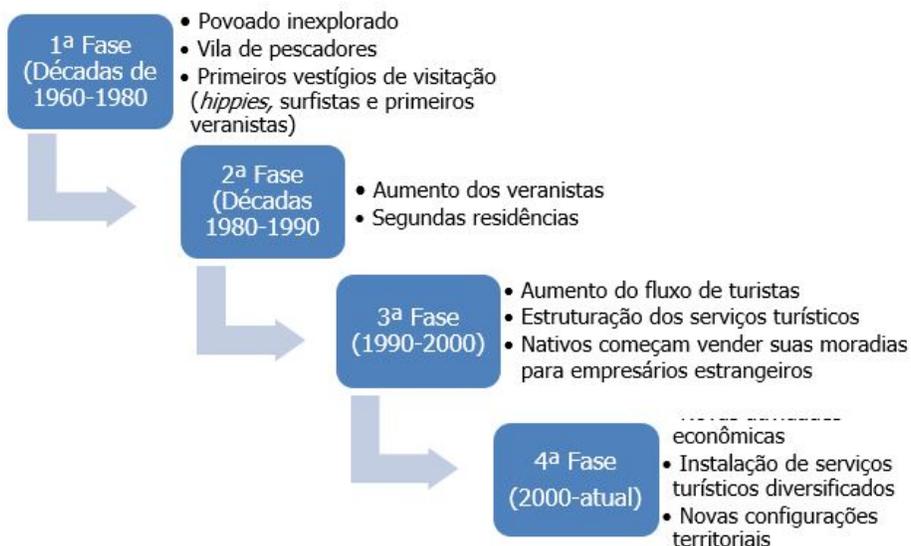
mento da atividade turística em Pipa.

Com isso, foi possível fazer a análise do ciclo de desenvolvimento do destino, compreendendo as fases de desenvolvimento turístico desde seus primórdios, passando pelo momento do *boom* turístico e o contexto atual.

6. Fases do desenvolvimento do turismo em Pipa- Tibau do Sul /RN

Ao tratar do desenvolvimento turístico em Pipa/RN- Tibau do Sul é possível traçar uma segmentação em fases, para melhor compreensão dos caminhos traçados até o momento atual. Assim, pode-se distinguir quatro importantes fases do desenvolvimento de Pipa que serão detalhadas (Figura 1) para melhor entendimento da trajetória turística até o cenário atual.

Figura 1 | Fases de desenvolvimento turístico de Pipa- Tibau do Sul/ Brasil



Fonte: Elaboração própria, com base em pesquisa de campo, 2015 e 2016.

A primeira fase remete as décadas de 1960-1980 quando o povoado inexplorado passa a ser alvo de visitação de aventureiros, *hippies* e surfis-

tas em busca de beleza exótica e natureza exuberante. Nesse momento, Pipa caracterizava-se como verdadeira vila de pescadores, tendo a pesca,

a agricultura e o artesanato como principais atividades econômicas. Com o passar dos anos, o local passa a ser visitado pelos veranistas que começam a compartilhar o território dos nativos, construindo as primeiras casas de veraneio.

Nesse momento inicial é possível constatar que:

O agente turistificador primário foi o turista, especificamente os surfistas, quando se verificava uma integração entre visitante e o residente, marcado por relações não-mercantis, nas quais os aventureiros se hospedavam nas casas dos pescadores e a área era totalmente territorializada pelos moradores locais. (Gonçalves, 2010, p. 16).

As belezas naturais despertaram interesse de muitos forasteiros, que inicialmente se instalavam nas próprias casas dos pescadores, por não haver estabelecimentos de hospedagem. Segundo relato de uma nativa considerada a primeira a receber surfistas em sua residência, na época, não tinha consciência dos serviços turísticos que estava ofertando, tais como hospedagem domiciliar e preparo das refeições para os turistas, apenas praticavam as ações como um gesto de acolhimento. Passados alguns anos é que tais atividades deixaram de ser informais e passaram a ser vislumbradas como negócio.

De acordo com a pesquisa de campo é notável a influência de famílias tradicionais de Goiânia (antiga sede municipal de Pipa), que tinham a praia como seu reduto para prática de atividades de lazer nos períodos de férias, tendo posse das propriedades mais luxuosas da localidade na época, sendo as casas de veraneio as principais opções para amigos que frequentavam o local.

Em conformidade com Brandão (2013), “entre as décadas de 1980 e 1990, consolidou-se a prática da segunda residência em Pipa, cujos imóveis eram negociados, na maioria dos casos, para antigos visitantes estrangeiros e de outros estados do Brasil” (p. 175). 11 Na década de 1990, nota-

se um incremento significativo no desenvolvimento da atividade turística, e aos poucos, Tibau do Sul (predominantemente Pipa) passam a ser destino de visitação de demanda nacional e internacional. Em conformidade com o ciclo de Butler (1980), essa fase caracteriza-se como de crescimento acelerado, sendo possível constatar uma demanda considerável de turistas.

A vila de pescadores já apresenta características completamente diferentes, com saneamento básico e melhorias nas vias de acesso. O turismo começa a despontar e recursos públicos são destinados a estrutura o da localidade, além do investimento em divulga o. Nessa época   percebido um verdadeiro “boom turístico”, momento que os novos moradores começam invadir Pipa e comprar as propriedades dos nativos por enxergar que o fluxo de visitantes significava possibilidade de novos negócios. Assim, se estabelecem definitivamente na praia da Pipa e transformam completamente a dinâmica socioespacial do lugar.

Por volta do ano de 2000, dar-se a instala o de equipamentos turísticos de maior porte e requinte, tais como pousadas e restaurantes retratando as diversas nacionalidades que passam a circular em Pipa.

Na 4^a fase, caracterizada a partir dos anos 2000, o destino turístico Pipa já está consolidado e reconhecido mundialmente, com estrutura receptiva sofisticada e diversificada, sendo povoada por diversas nacionalidades. Poucos nativos se mantiveram como proprietários dos empreendimentos turísticos diante a concorrência dos grandes investidores estrangeiros. Muitos turistas que visitam o local se encantam e passam a residir em Pipa, transformando-se em investidor local e ampliando as dificuldades de (re)inser o territorial dos nativos.

A nova conjuntura de ocupa o do solo (até mesmo em áreas protegidas), associado a disputa com os novos estabelecimentos hoteleiros, substitui o das antigas atividades tradicionais e escassos investimentos de recursos públicos para es-

truturação do destino turístico, suscitou em uma gama de impactos negativos na sociedade local e no próprio território (Aledo et al., 2013).

Vale destacar que a população nativa até hoje sente diretamente os impactos do crescimento desordenado da atividade, tendo que se adaptar a nova conjuntura proveniente do turismo. Percebe-se a instalação do turismo costeiro em áreas que deveriam ser protegidas pelo seu intenso valor como patrimônio da humanidade, mas acabam sendo privatizadas e destruídas de acordo com o interesse mercadológico, causando além de impactos naturais, o sentimento de revolta pela destruição demasiada de tais recursos, resultando em uma série de conflitos que se desdobram em muitas comunidades turísticas.

Nesse cenário, constata-se o surgimento de novas relações de poder provenientes dos agentes produtivos do turismo associado à especulação desenfreada de capital externo, suscitando uma grande onda de urbanização, transformações e impactos ambientais na destinação turística.

É importante mencionar que o desenvolvimento turístico também trouxe progresso e melhoria nas condições infraestruturais do município, podendo citar “obras de pavimentação da Avenida Baía dos Golfinhos com paralelepípedos, esgotamento sanitário, melhorias no fornecimento de água e energia elétrica, além da recuperação da via que liga Tibau do Sul ao povoado” (Brandão, 2013, p. 195).

A divulgação do destino turístico Pipa trouxe além dos turistas, investidores com aplicação de recursos em “segundas residências”, tendo como principais impactos especulação imobiliária desenfreada, com supervalorização do metro quadrado, inibindo a população local a voltar adquirir imóveis ou terrenos na praia.

Os nativos foram seduzidos a venderem suas propriedades, alguns citaram nas entrevistas de vida que se renderam a especulação e negociaram suas casas na região mais valorizada, e aos poucos foram sendo obrigados a migrar para lugares mais periféricos. Atualmente, poucos nativos permanecem residindo nas suas antigas moradias, e os que resistem, se deparam com um cenário completamente diferente. Portanto, é possível analisar que “este novo fenômeno tem gerado importantes transformações sobre a comunidade local e seu entorno” (Aledo et al., 2013, p. 19).

O crescimento desordenado, associado ao desrespeito a gestão dos recursos naturais e falta de planejamento, tem levado a um grande problema ambiental. Desse modo, Silva & Oliveira (2013) ressaltam que a exploração desenfreada da “paisagem gera conflitos entre empreendedores e nativos, porém o crescimento da atividade ainda é uma política dominante nessa área, havendo a necessidade da tomada de medidas para conservação e preservação dos recursos naturais” (p. 76).

Corroborando, Vasconcelos e Coriolano (2008, p.263) ressaltam “que entre os impactos negativos provocados pelo turismo, o maior deles, em regiões costeiras, é a instalação da infraestrutura, assim como a falta dela no caso da geração, recolhimento e disposição adequada de resíduos sólidos e de esgotos”. Alban (2008) também leva a reflexão sobre a dinâmica perversa que envolve a instalação dos complexos turísticos nas praias da costa nordestina brasileira, constatando que “na grande maioria dos casos, a infraestrutura chega, viabiliza o boom turístico, mas não o sustenta. Assim, logo em seguida vem à saturação e a degradação social e ambiental dos complexos” (p. 7), conforme ilustrado a seguir (Figura 2).

Figura 2 | Dinâmica perversa do turismo nas Costas Nordesteiras



Fonte: Alban (2008, p. 7)

Nesse sentido, é possível detectar impactos severos decorrentes da prática do turismo e como principais entraves para resolução dessas questões pode-se citar a incidência de posições e aspirações de grupos com interesses diferentes, sendo difícil alcançar um consenso para as decisões que visem minimizar tais problemas.

Os reflexos provenientes do turismo variam de acordo com o modelo adotado e na praia da Pipa percebe-se a inexistência de planejamento efetivo, tendo um cenário que foi desenhado aleatoriamente, sem tanto afinco no sentido de promover um processo justo de desenvolvimento turístico, caminhando rapidamente para estagnação. Considerando o ciclo de Butler (1980), o destino precisa rejuvenescer, com implantação de novas medidas estratégicas, ou correrá um grande risco de sucumbir diante a concorrência de outros destinos costeiros mais estruturados.

7. Conclusões

A atividade turística muitas vezes é explorada de maneira desenfreada e sem planejamento, colocando em risco sua continuidade, em virtude dos impactos imensuráveis que afetam os destinos. Com a compreensão das quatro fases de exploração do turismo em Pipa, fica evidente que o surgimento do turismo é marcado por invasão de desbravadores das belezas naturais, especulação imobiliária, apropriações irregulares, aumento das condições de moradia, exclusão dos autóctones do seu hábitat natural e um processo de desenvolvimento turístico muito distante do desejado,

colocando em risco a própria manutenção da atividade.

As decisões públicas acabam sendo escassas, deixando o planejamento turístico em segundo plano. Sabe-se que é um grande desafio para a gestão turística balancear a utilização e manutenção dos recursos naturais, mas essa deve ser uma condição fundamental para o desenvolvimento das atividades de lazer e turismo.

Acredita-se que a partir do momento em que houver uma verdadeira adoção das questões sustentáveis no planejamento dos destinos turísticos, isso poderá ser tido como um diferencial capaz de mudar paradigmas e promover melhorias sociais e ambientais permanentes, tendo os impactos negativos minimizados, com estratégias de planejamento que tornem os segmentos turísticos socialmente mais acessíveis, ambientalmente aceitos, economicamente viáveis e com efeitos multiplicadores para as sociedades envolvidas.

Espera-se que o ciclo de desenvolvimento turístico de Pipa possa ser imediatamente reavaliado, considerando, sobretudo, a maneira que o turismo tem sido explorado, podendo caminhar ao declínio ou se reinventar, com ações direcionadas para um planejamento a longo prazo condizentes com as características específicas da destinação.

Portanto, sugere-se a continuidade de estudos sobre Pipa que explorem a caracterização e progressão do conflito socioambiental suscitado em decorrência da apropriação do turismo, com sugestões de alternativas para melhor gestão do destino turístico.

Referências

- Alban, M. (2008). A insustentabilidade do turismo no Brasil e o sucesso de praia do Forte: Uma análise exploratória com base na nova economia institucional. *Turismo em Análise*, São Paulo, 19(1), 3-24.
- Aledo, A., Andreu, H. G., & Ortiz, G. (2013). Evaluación participativa de los impactos sociales del turismo residencial y meta-análisis de resultados: Un caso de estudio en Pipa (Rio Grande do Norte, Brasil). *Turismo & Sociedade*, 6 (1), 16-41.
- Alves, J. A. (2010). *Políticas públicas e as transformações socioespaciais correlacionadas ao turismo no município de Caicó: Uma análise do período 2000 a 2010*. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.
- Bacal, S. S., Melo, A. J. S., Widmer, G. M., & Pereira, R.S. (2007). Turismo sustentável no Brasil: Utopia ou possibilidade? *Revista Gerenciais*. São Paulo, 6 (2), 175-181.
- Beni, M. C. (2003). Como certificar o turismo sustentável? *Turismo em análise*. São Paulo, ECA/USP- ALEPH, 14 (2), 3-16.
- Beni, M. C. (2006). Política e planejamento estratégico no desenvolvimento sustentável do turismo. *Turismo em Análise*, 17 (1), 5-22.
- Brandão, P. R. B. (2013). *Territórios do turismo, territórios de todos?: Um estudo comparado sobre urbanização e formação de territórios em balneários turísticos do Nordeste do Brasil*. Tese, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.
- Butler, R. W. (1980) The Concept of a Tourist Area Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources. *Canadian Geographer*, 24, 5-12.
- Carvalho, F. C. C., & Pimentel, T. D. (2015). A influência dos fatores externos sobre os destinos turísticos. *Investigaciones Turísticas*, 1(9), 70-98.
- Chapman, A., & Light, D. (2016). Exploring the tourist destination as a mosaic: The alternative lifecycles of the seaside amusement arcade sector in Britain. *Tourism Management*, 52, 254-263.
- Chou, M. C. (2013). Does tourism development promote economic growth in transition countries? A panel data analysis. *Economic Modelling*, 33, 226-232.
- Fazenda, N., Silva, F. N., & Costa, C. (2008). Política e planeamento turístico à escala regional o caso da agenda regional de turismo para o norte de Portugal. *Estudos regionais- revista portuguesa de estudos regionais*, 18, 76-100.
- Gonçalves, S. (2010). *Turismo em jogo: A dinâmica da reterritorialização em Tibau do Sul/RN*. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN.
- Hanai, F. Y. (2012). Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade do turismo: Conceitos, reflexões e perspectivas. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 8 (1), 198-231.
- Nóbrega, W. R. M. (2012). *Turismo e políticas públicas na Amazônia brasileira: Instâncias de governança e desenvolvimento nos municípios de Santarém e Belterra, oeste do estado do Pará*. Tese, Universidade Federal do Pará, Belém/PA.
- Queiroz, F., & Rastrollo-Horrillo, M.Á. (2015). El estado del arte engobernanza de destinos turísticos. *Tourism & Management Studies*, 11 (2), 47-55.
- Román, B., & Font, X. (2014). Turismo sustentable como herramienta de competitividad em Chile. *Estudios y perspectivas en turismo*, 23, 421-446.
- Santos, N.P. (2014). Turismo, gestão e território. *Caderno Virtual de Turismo- Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo*, 14 (1), 66-86.
- Silva, E. F., & Oliveira, J. L. E. (2013). Gestão Territorial e Ocupação do Solo no Município de Tibau do Sul/RN – Brasil. *Sociedade e Território*, 25 (1), 62-79.
- Silva, M. E. M., & Sierra, E. J. S. (2013). Gestión sustentable de la orla marítima de destinos turísticos. *Estudios y perspectivas en turismo*, 22, 805-827.
- Soares, É, Emmendoerfer, M, & Monteiro, L. (2013). Gestão pública no turismo e o desenvolvimento de destinos turísticos em um estado da Federação Brasileira: Uma análise do planejamento estratégico do turismo em Minas Gerais (2007-2010). *Tourism & Management Studies*, 9(2), 50-56.
- Vasconcelos, F. P., & Coriolano, L. N. M. T. (2008). Impactos Sócio-Ambientais no Litoral: Um Foco no Turismo e na Gestão Integrada da Zona Costeira no Estado do Ceará/Brasil. it *Revista da Gestão Costeira Integrada*, 8(2), 259-275.